

*Para Candice Didonet,
Ronie Rodrigues
e Camie van der Brug*



*"I'm not going to ride on a magic carpet!" he hissed.
"I'm afraid of grounds." "You mean heights," said Conina.
"And stop being silly."
"I know what I mean! It's the grounds that kill you!"*

*"Eu não vou montar em um tapete mágico!", ele sussurrou.
"Tenho medo do chão".
"Você quer dizer de altura", disse Conina.
"E pare de ser bobo."
"Eu sei o que quero dizer! É o chão que nos mata!"
(Terry Pratchett)*

*"Wie wat vindt heeft slecht gezocht"
"Quem encontra algo procurou mal"
(Rutger Kopland)*



O holandês Stefan Bisschop e o brasileiro Leonel da Silva estão sentados no banco em frente ao chafariz de águas desmaiadas da praça Santos Andrade, no centro de Curitiba. A distância entre eles não pode ser medida em centímetros. É de seis meses, Stefan adiantado no tempo. O banco é o mesmo, mas o de Leonel está inteiro, o de Stefan sem uma das ripas do encosto. As dores percorrem um Stefan febril. As gengivas mal cicatrizadas querem vencer a competição das partes que mais lhe doem. Leonel olha para a chuva que vai se armando, o vento a fazer o trabalho dos garis, ajuntando em redemoinho folhas das árvores, papéis de bala, pacotes de biscoito, besouros vivos e mortos enredados em tufo de cabelos que caem dos passantes – um mundo particular, esse dos cabelos que caem. O vento junta tudo em ordem traiçoeira para, em seguida, espalhar outra vez. O que um deus uniu o homem não separa, mas o que o gari reuniu o vento leva, rejunta e disjunta. Era sinal certo, a tempestade de verão se aproximava, teria pouco tempo para ficar ali, a não ser que quisesse encharcar os ossos, lavar alguma alma e pegar, talvez e apesar do calor, um resfriado. Já Stefan usava cachecol e blusas pesadas, a tipoia escondida pela jaqueta de mangas largas. Um Leonel de camiseta e bermuda mirava a escadaria da Universidade Federal e via estudantes vasculhando com gestos pequenos e ágeis suas caixinhas de Pandora eletrônicas. Um dos jovens teve o boné arrancado pelo vento, que trouxe para Leonel o som de risa-

das. A troça, o boné voador, o vento-zumbido que embaralhava além dos lixos também as vozes, as vozes dos estudantes com seus chapéus voadores e as vozes internas de um Leonel que estava tão nublado quanto o céu sobre a praça. Como fugir da tempestade particular era uma pergunta ainda no escuro. Remoía o temporal das nuvens íntimas, que não trazia ventos de limpar o céu nem divertimento de chapeleiros malucos. Leonel andava chato, na beira do abismo do insuportável. Os chatos não rolam, não se movem, disse-lhe Cícero dias antes enquanto alongavam o corpo sentados com a planta dos pés colada uma à outra, os cotovelos tocando o chão. Do chão de *petit-pavé* da Santos Andrade, Stefan ergueu os olhos e eles pararam antes de chegar ao Teatro Guaíra. O que lhe dava algum conforto era a máscara de bronze, agora ele sabia, dedicada a uma tal Lala Schneider. Stefan não a via de frente, só o convexo. Olhar uma máscara pelo seu oco e reconfortar-se parecia, mais que estranho, perturbador. Ajeitou o cachecol, o frio sempre achava brechas. Schneider, se outrora despertaria a rivalidade costumeira com os alemães, agora dava um aconchego auditivo. *Wilhelmus van Nassouwe, ben ik, van Duitsen bloed*, William de Nassau eu sou, de sangue alemão. A irritação de antes, ao ser provocado sobre o sangue alemão já nos primeiros versos do hino da Holanda, tinha agora um gosto de bandeira branca. O sobrenome alemão o acariciava, amenizou a dor das gengivas, do corpo todo, deu guarida contra a obsessão brasileira por inundar-se de vogais, sempre tão pronunciadas, longas, que roubavam espaço com sons ilógicos e primitivos. Vivam os sete a um. Eles eram a vitória das consoantes. Repetiu Schneider como um mantra capaz de trazer calma para as trovoadas. Que espetáculo o encontro entre um s, um c, um h e um n, num schn que lembrava silêncio, que se calassem, que se exi-

lassem, que se fuzilassem as vogais, ou que fossem confinadas, que não viessem, minoria, esculhambar a ordem. Eram apenas cinco, deixassem-nas prestando serviços menores. *Begrijp je wat ik zeg?* Talvez tudo fosse consequência da febre. Eram dois sujeitos no mesmo espaço, um exposto ao verão, boas fatias do corpo à mostra, outro invernal, mãos carentes de luva. Se Leonel olhava para a panturrilha definida, Stefan a intuída, impossível esquecê-la, as fisgadas rascando o tecido da calça. Que tinha um corpo, pensou um. Eu sou um corpo, pensou o outro. Em breve chegariam aos trinta anos e a maioria dos manuais dizia: começariam a perder massa muscular e ganhar gordura. Os quarenta centímetros da panturrilha de Stefan se transformariam em quê? Os oitenta centímetros enxutos da circunferência abdominal de Leonel? Tantos anos de cuidado com o corpo para que o corpo os levasse aonde mesmo? Quem eram na ordem do dia, no estado das coisas, na hierarquia do mundo? Chegavam para cravar bandeira no ponto mais alto sem outra alternativa que não fosse descer. Leonel adivinhou o corpo do avô, que definhava em Castro. Tão mais forte que os cavalos que domava e agora sem forças para sustentar as próprias rédeas. Lembrou-se da carta que escrevera a si próprio aos vinte anos – a confirmação do autocentramento? – e que intitulou *Manifesto secreto contra a mediocridade*: uma leitura íntima. Onde a teria guardado? Stefan simulou um chute a gol, mesmo sentado. Movimento mínimo, quase apenas mental, mas a dor doeu mais. A bola que quase chutara seis meses antes reapareceu, quicando. Outra vez: quase. Era um sujeito de quase. *Bijna*. Tanto tempo maldizendo o pé pronado – anos fortalecendo o músculo vasto medial oblíquo para estabilizar a patela na região medial da coxa – e agora tem na cabeça a imagem da radiografia, os ossos tortos. Como era feliz quando

só o pé pronado o fazia infeliz. Qualquer passo e a patela roça sem a sensualidade das cartilagens o fêmur trincado. A imagem de Desimond se interpôs entre ele e o corpo craquelado, viu aquele sorriso de tique nervoso. Teria sido Desimond a gerar o primeiro sopro que virou tormenta? Se não ele, quem? Não raro Leonel se via saindo do corpo, como se os olhos saltassem das órbitas e subissem em árvores. Enxergar-se de fora. Era possível que tantos mecanismos estivessem ativos nele a um só tempo, e nas pessoas que passavam, no menino que corria atrás do boné? Ações e reações trabalhando – agrupamentos humanos, Serra Pelada, fluxo de pessoas, carros, formigas sob folhas, abelhas tateando o interior das colmeias – para eu estar aqui especulando sobre o que queremos ou podemos fazer com o corpo. Via os sistemas musculoesqueléticos sob as roupas de quem passava. Nos jovens, os sistemas se fortaleciam, nos velhos a decadência franca, a minguar. Era o avô ou a avó quem tinha osteoporose? Ele começaria a minguar. Minguar em país de minguados, ignorantes que aproveitaram o espasmo da prosperidade para se entulhar de bugigangas e se enterrar com mais conforto na burrice. Esforço, estudo, provação para chegar ao lugar de onde nunca saía: o anonimato. A mediocridade que tentou expurgar em uma carta de quase dez anos. Um corpo fim e um corpo meio, que carrega e é carregado pela abstração da mente. Que palavra, a mente. Que associação inédita, mesmo tão clara, com a mentira. A mente fabricando verdades era uma ironia das mais finas. As verdades que se gestavam na mente de Stefan e de Leonel eram semelhantes e opostas a um só tempo. Voltar para casa: a sombra pesada no horizonte de Stefan, sair de casa: a clareira no céu de Leonel. Vento e movimento.

O brasileiro Leonel da Silva e o holandês Stefan Bisschop pisam na mesma porção de gramado do Parque Oog in Al, em Utrecht, unidos novamente pelo espaço e separados pelos mesmos seis meses, agora Leonel habitando o futuro. O lugar é pouco atrativo porque a região da Muntbrug passa por reformas e com o tempo úmido tudo fica lamacento. Não dava para ver o encontro das águas domesticadas do Leidsche Rijn com o Merwedekanaal. Como Leonel podia ainda estar sem fôlego pela deambulação sem eira nem beira de noites atrás? Abri-gara-se no Oog in Al porque precisava de distância, nada de Oudegracht, bastasse de Wilhelminapark. Como um policial holandês poderia ter chamado sua atenção se a voz que ouvira falava português? *Hei, você, o que está fazendo aí na rua desse jeito?* A voz, até o timbre, alugou a memória de Leonel. Fadilah fizera bem em poupá-lo de mais notícias ruins, mas agora ele já sabia: a pancadaria em Curitiba repercutiu em jornais do mundo todo e no início ele achou que partidários do governo e da oposição tinham finalmente se engalfinhado. Stefan, vendo que a bola vinha em sua direção, teve vontade de chutá-la com força. As pernas aquecidas, prontas para começar a correr, faziam-no pensar que a bola chegaria até o Geldmuseum, quebrando-lhe os vidros. Ele não chutou nada, bastou a fantasia. Devolveu a bola para as crianças que ignoravam o frio. Stefan estava envolto em águas tão turvas como as do canal, menos tranquilas. Amadurecer devia ser mesmo um aprendizado para

decantar tristezas. Leonel lamentou o fato de ser impossível encontrar um pedaço de grama não enlameado pelas chuvas de verão. Mesmo assim as temperaturas altas – os vinte e cinco graus que faziam Fadilah rir – deixavam alvoroçados parques e ruas. Tirou da mochila uma camiseta de ensaios e estendeu-a sobre a grama, tudo sem pensar, só o gesto o mandava prevenir-se da orvalheira pegajosa. A criança mais nova tinha olhos fixos na bola, a mais velha encarou Stefan, da boca o vapor em baforadas. Leonel olhava o Oog in Al, um parque periférico e malcuidado para os padrões holandeses. Viu uns velhos passeando, a postura ereta e a independência física, os torsos esticados como se um fio invisível saísse das colunas, perfurasse o crânio e os guindasse ao céu. O ar de superioridade europeia vinha da capacidade – ou seria um defeito – de mexer somente as partes necessárias do corpo. Por isso a cabeça se movia como em um desenho animado mal feito, contraposta à rigidez do corpo esquecido. Até a dança era assim, bastava ver como se moviam Gijs e Anne-Marije. Stefan olhou mais uma vez as duas crianças, que agora corriam pelo gramado. A mais velha aticava a menor, aproximando dela a bola que Stefan acabara de devolver, multicolorida, contraste com o inverno cinza que fazia os holandeses correrem para calefações e cachecóis. As árvores, ao contrário das pessoas, se despiam no frio e as poucas flores exibiam a demência do descenso explícito. Passou pela cabeça de Stefan, tentando assimilar os quase trinta anos, que descer nem sempre era a parte mais fácil da corrida. Acostumado à planície eterna do país, subir e descer eram para ele novidade e susto. Leonel achou que se os cegos aprendem a apurar os sentidos que lhes restam, o brasileiro desenvolveu expressões com o corpo para compensar a ausência das palavras. Por isso ri de tudo, abraça quem vê pela frente, chacoalha-se

para contar uma história e muitas vezes resolve no braço o abandono do verbo. Que hipótese perversa e plausível, pensou. Aquilo se aplicaria aos imigrantes muçulmanos? Onde Hicham se escondera? Em que lugar assombraria as pessoas com seu corpo-estátua? As crianças não brincam mais. Ou: tudo começa como brincadeira e vira perversão, que, Stefan pensa bem, não deixa de ser um brinquedo. A menina aproxima a bola do menino menor e a retira antes que ele consiga pegá-la. Uma transferência de sorrisos. Enquanto o pequeno ri ela se mantém indiferente. O sorriso dela só vem quando o menino dá os primeiros gemidos de ansiedade, depois exasperação. Quanto mais sofrimento na vida, menor o sofrimento na hora da morte, costumava dizer o oude Bisschop. E não ria. Do exercício da perversidade Stefan saltou para o cansaço de viver em um país sempre tão próximo da bola inalcançável. Estar perto dela era pior. Se Stefan a tivesse chutado para longe, fora do alcance dos olhos, o menino não seria torturado por quase tocar o inatingível. A organização holandesa, o modo como as pessoas se moviam, não só na dança, mas na rotina diária, a autonomia, a mobilidade, tudo havia se transformado em náusea. As curvas, a sinuosidade e a circularidade tinham qualidades diferentes em corpos alinhados e retilíneos. Gonçalo, com a macaqueação contemporânea (*opa, falou de macaco, Leonel da Silva, da selva?*) e o discurso de autoria e liberdade, não fazia mais do que se esforçar na imitação do corpo holandês, numa mimese confusa. Leonel maldisse a ordem, asséptica demais, artificial demais, que não sabia sujar mãos em lama. Sentiu saudades do rio Belém, antes tivesse nadado nele e nas suas merdas familiares. Desprezou a arrogância do Oudegracht, com sua calma desdenhosa, da gente incapaz de se contaminar e dizendo-se liberal e acolhedora. Ele esquecia a amizade com Anne-Mari-

je, deixava na penumbra o amor por Gijs. Estava tomado pela força da generalização, o sarcasmo saía apertado da garganta, o prazer salivante da maldição que enterra a todos na mesma vala. Estava claro que a barbárie podia morar nas águas bovinas que rastejavam pelos canais. Tinha vontade de revolvê-las, de dizer reajam, revolteiem, extravasem as margens (*vai querer atacar de revolucionário? O inferno sempre nos outros?*). Leonel sentiu a umidade do chão chegar até as nádegas. Ficou em pé, fundilhos molhados, lembrou-se das roupas encharcadas pelas águas do Oudegracht, e então o calafrio sem consideração pelo sol que desfilava no céu sem nuvens. O oude Bisschop veria ainda outro lado bom na tortura da criança menor: não cresceria achando que desejos se realizavam. As palpitações repentinas retornavam, como se Leonel tivesse acabado de reviver a perseguição. *Hei, você, o que está fazendo aí na rua desse jeito?* Acompanhando a parábola da bola no chute que não deu, Stefan se viu ali parado correndo atrás do cometa de plástico colorido. Que se danassem as metáforas sobre felicidade. A bola-cometa era o clarão da epifania. Hora de amadurecer. Foi então que ganhou força a ideia de deixar a Holanda. Do quarto escuro as palavras trancadas por Leonel, voltar ao Brasil.

I

No verão de Curitiba, no inverno de Utrecht, Leonel e Stefan, agora sincrônicos mas separados por dez mil quilômetros, iluminaram-se pela ideia de se arrancar do chão que os prendia. O clique da mudança estalou ao mesmo tempo, sem associação sobrenatural, só uma cadeia de raciocínios conforme a areia vaza da ampulheta. Estavam ultrapassando a época em que existir cumpriria suas promessas. Que entidade era a vida, quem ela pensava que era para prometer tanta coisa? Os quase trinta anos já permitiriam ver no retrovisor o tempo dos sucessos. Não enxergavam, contudo, evento algum lá atrás que não fossem pontos obscuros, acontecimentos turvos. O horizonte era sempre futuro? Um projeto é um projétil, é atirar e atingir. A bola que Stefan não chutou fez sua trajetória. Ele já a viu, é inútil escondê-la. Por Leonel passou correndo a lembrança do curso de inglês cambaio: depois do *grow up* vinha o *grow old*. A língua estrangeira piscou ao acaso, talvez intuísse as mudanças.

Cícero provocava outra vez. Depois do último gracejo, quando disse que Leonel estava cada dia mais chato e que chatos não se moviam, agora dizia que ele viraria aqueles alemães de dar medo, Mary Wigman e afins, saídos de algum filme expressionista. Seria Leonel o Nosferatu? Cícero costumava dizer que o sarcasmo atiçava a criatividade, lera numa pesquisa, era sério. Os discípulos de Nosferatu sobreviviam até hoje e ensaiavam bem ali pertinho, ele ainda aproveitou o mote para exercitar a fofoca. Enquanto ouvia, Leonel ligava o intelectualismo de

Cícero à capacidade de se transformar em um babaca. Ser cúmplice do mexerico e alimentá-lo era fácil e, vá lá, prazeroso quando o alvo estava distante. Mas com os meses de convívio e intimidade, tornar-se o objeto das palavras ferinas fazia crescer uns ressentimentos que Leonel ia recolhendo. Reagia pouco, sorriso enviesado. Cícero continuou, o que nasceria se Mary Wigman tivesse um filho com Fritz Lang e tal. Nina e Clarice faziam o aquecimento massageando as plantas dos pés uma da outra, alheias às papagaiadas eruditas de Cícero, expressão inventada por Leonel, jocosa até uns dias atrás e que, sem mudar uma vírgula, chegava agora como exemplo redondo de como conhecimento e inteligência podiam compor um imbecil. O antigo recurso: desprezo pelo outro como meio de engrandecer a si mesmo, apequenado de algum modo. Leonel, ainda que chato, começou a rolar no chão do estúdio, uma sala alugada em um prédio antigo da Santos Andrade, e deixou o som dos seus ossos, batucando no assoalho revestido de linóleo, abafar a voz do namorado. Em pouco tempo, a maldade estava esmaecida pela respiração, enfim o prazer do movimento, a distensão saudável das articulações, inspira, alonga, sente o quadril. A endorfina veio com o suor, vinte minutos de corrida e o corpo estava em prontidão. Depois do aquecimento e do alongamento breves – alongar-se antes de correr era algo cada dia mais controverso –, Stefan apertou o passo pelas ruas de Utrecht. Vinha de uma corrida sem intensidade e um dia de intervalo, sabia que era hora de forçar. A primeira gota de suor despontou chamando outras e outras, a invasão do rosto no assomo repentino, como se gritassem atacar, e comesçassem a correria a partir da testa, das têmporas, juntando-se no exército que fazia do nariz trampolim. De lá despencariam, a queda livre. Quando brotavam do peito, das costas, dos vales das virilhas e nádegas,

eram absorvidas pelos tecidos inteligentes que arrancavam à força o suor do corpo, necessário mas inconveniente. Stefan suava muito. A hidratação era contínua mesmo no frio, ainda que tivesse de arcar com os desconfortos da micção em intervalos menores. Nas dez milhas inglesas da Dam tot Damloop, se não tivesse parado para mijar teria chegado entre os cem primeiros. Expulsava mais do que suor quando corria. Entendia bem como um corpo funcionava, a liberação da beta-endorfina fazia-o agradecer ao deus que se lembrou de criar a glândula pituitária. Divertiu-se: o ser barbudo, de cabeça superdesenvolvida, criando do barro aquele um centímetro de glândula secretora na base do cérebro, programando-a para liberar moléculas feitas de trinta e um aminoácidos benditos toda vez que um exercício físico fosse feito por mais de trinta minutos. Stefan, se suscetível às tristezas, podia comemorar por ter um corpo que se rendia sem resistência aos efeitos entusiasmantes da endorfina. Não sabia que entusiasmo significava colocar um deus dentro de si. Se soubesse, teria dado mais corda às divagações sobre pituitárias de barro. As passadas se esticavam, o corpo se expandia para uma dimensão de sonho, ainda mais valiosa pelo contraste com os meses encolhido, prostrado, logo ele, sempre leve e até bobo, conforme os pais e Machiel sempre diziam. Se a morte nunca é fácil, o modo como Machiel se fora suplantava a ideia da morte natural. Foi intransitiva e intransigente demais. Stefan jamais quis ver o assassino pessoalmente, mas olhava para Ahmed na única foto estampada no *Algemeen Dagblad*. Estava ficando cada vez mais comum expor a imagem de réus nos jornais. Baixou a imagem do rosto de Ahmed no computador, corrigiu imperfeições em programas de edição, carregando na nitidez e no contraste para então fazer-lhe perguntas e terminar, em voz baixa, gemendo na frente dos olhos negros, do

nariz grande, a pele parda, barba por fazer. O pomo de Adão saliente, o gesto inútil da mão direita penteando os cabelos tão curtos para trás. E os olhos. Olhos de buraco negro que sugavam Stefan para dentro das órbitas. A foto não trazia o corpo inteiro, propunha o exercício de adivinhá-lo. Ou de supô-lo, o que não é a mesma coisa. A mão, ainda sem algemas, tirava o cabelo nenhum do rosto para ficar mais visível ao fotógrafo? Quanto mais tivesse os olhos abertos, mais o veriam? Olhava direto para a lente, orgulhoso, na imagem que dizia sou eu, estou aqui, minha função é esta e a justiça dos homens é risível. Foi o que disse mais tarde, no depoimento. E então se calou. Horas antes, a mão da foto havia esfaqueado Machiel, outro corpo forte mas que sucumbia a uma faca no ataque pelas costas, a garganta talhada, chafariz vermelho.

O chafariz da Santos Andrade não funcionava, era uma miniatura vista do estúdio. A força das águas lavava tudo. Serviço mal feito, a praça cheia de galhos prostrados, o granizo apedrejava as folhas mortas, sujando o *petit-pavé*. Ninguém andava nas ruas, nenhum guarda-chuva suportaria. Água, ventania e trovoadas abafaram Cícero, ossos e respirações. Eram quatro corpos estupefatos que olhavam para fora – as pedras batiam no vidro e Clarice achou fofa a bolinha de gelo que pegou no limiar da janela, segurando-a como quem protege uma borboleta. Cícero parecia satisfeito com a purgação pelo método do escárnio. Quando voltaram ao ensaio, propôs um exercício de improvisação que aproveitasse a tempestade, costurando-a com os medos de cada um. Que dançassem o medo aproveitando as linhas da chuva. Os bailarinos começaram com saltos e quedas esparramadas, a expiração soprada com força fazia coro ao som da chuva que lavava os prédios do Centro, transbordavam o

tanque do chafariz, extravasavam os bueiros, curvavam as árvores. Leonel havia parado com os saltos e se prendia ao chão do estúdio, movendo-se o mais que podia sem, contudo, mexer as plantas dos pés. O corpo todo trabalhando contra os pés. A proposta de improvisação correu por uma linha de diagonais, desde os tornozelos, joelhos, quadris, cóccix, vértebras, braços, cabeça buscando o chão, tudo querendo vir abaixo, horizontalidade que os pés teimavam em negar. Fisgara o conceito baseado na oposição e o desenvolvia com afinco. Enquanto os outros seguiam verticalidades óbvias – com o canto do olho ele os observava, eram movimentos evidentes demais, quase infantis, abusando dos saltos e das quedas, o que é o que é: cai de pé e corre deitada? –, Leonel levava até o limite a oposição entre as forças da instabilidade e da fixidez. Dança é relação entre o móvel e o imóvel assim como a música depende do silêncio. O movimento arrasta o conforto, forçando-o até vergá-lo. O corpo aquecido tornava cada articulação um elástico cuja expansão, confortável e prazerosa nos membros superiores, encontrava resistência e dor à medida que se aproximava do chão. Os tornozelos sentiam os efeitos de um corpo que, acima deles, se agitava na oposição com os pés, raízes insistentes. Estes movimentos poderiam ser célula dramática para dEUs, espetáculo solo que Leonel começara a criar em segredo. Até que os pés cederam, desequilibrados em busca de um pedaço novo de chão. Correr é alternar equilíbrio e desequilíbrio, um pé brevemente plantado lança o corpo para o voo enquanto o outro se joga para frente em busca de sustentação. Treinar a passada dava preguiça, mas Stefan sabia ser importante para promover o alinhamento da coluna e percorrer maior distância com menor esforço. A mecânica do movimento e sua dinâmica. Que cravar os pés no chão pode, na busca pela estabilidade

radical, fazer o corpo cair, pensou Stefan, em Utrecht, pensou, em Curitiba, Leonel.

Preparava-se para experimentar novamente a oposição quando Cícero interrompeu o exercício. Era hora do ensaio, faltava a apresentação em Curitiba para que os quatro bailarinos encerrassem seu projeto, um edital de circulação da Funarte. Aprovados seis meses antes, os bailarinos viajaram para sete cidades do país. A InCompanhiaIn de Dança apresentava uma releitura farsesca de *O quebra nozes* chamada *A quebra cocos*, e atualizava o clássico balé de repertório para os códigos da dança moderna e contemporânea, extirpando as pontas e meias-pontas e inserindo movimentos quebrados e desgraçosos – Cícero usou o termo estética da desgraça em entrevista a um jornal e ele acabou servindo como jargão. O espetáculo usava projeções de vídeos que interagiam com os bailarinos ao vivo. Imagens de quebradeiras de coco do Norte e Nordeste brasileiros davam o tom para que os bailarinos se movessem estilizando o gestual das mulheres, expandindo-os e recriando-os. Elogiado no sul, ignorado no eixo Rio-São Paulo e criticado no Nordeste, o espetáculo rendeu ao menos um cachê suficiente para Leonel começar a ver como real a ideia de deixar o Brasil. Pelo que Stefan vira na TV à época da Copa do Mundo, o Brasil crescia. E gostava de esportes, havia realizado a Copa, os Jogos Olímpicos. Parecia subir uma gangorra que tinha a Europa na outra ponta, caquética, velha senhora anacrônica cuja economia eram músculos enfraquecidos. A Holanda era a morte dos sonhos, a casa onde moravam todos os fantasmas. As construções tortas que se fingiam de certas assobiavam para disfarçar a embriaguez e escoravam-se na burocracia obsessivo-compulsiva. A organização não passava de um TOC

que só encantava turistas mal avisados. Stefan já corria havia quase uma hora e não tinha intenção de parar. Seu Polar Beat marcava doze quilômetros. Quando ia devagar – não era a intenção, mas acabou fazendo de novo um treino leve, melhor para tomar decisões –, podia seguir o dia todo, parava só por impaciência. Certa vez chegou a quatro horas e meia. Agora faria o Oog in Al até Máximapark e voltaria, seguindo para o Voorveldse Polder e retornando ainda outra vez. Vinte e quatro quilômetros, pouco mais de meia maratona, ritmo tranquilo. Evitava o Ondiep, Machiel falava tanto sobre esse bairro cujas casas, conjuntos habitacionais construídos antes da Guerra, viviam com as cortinas fechadas e onde, comentava-se, houve até assassinato. Fingia compensar a falta de intensidade do treino alongando o tempo e a distância. Sabia não ser a mesma coisa. Ainda que a excitação costume ofuscar a nitidez das avaliações, Stefan cogitou o Brasil com um carinho sorridente. Contrastou-o com a severidade das análises que faziam de seu país, uma velha liberal e fechada que, por essa contradição, era esquizofrênica, dividida entre a permissividade e a inabilidade para lidar com quem se derramava para dentro do seu território, não mais o mar, mas os pobres e fanáticos que chegavam escudados pela tolerância holandesa e em seguida eliminavam com seus dogmas a mesma tolerância que os favorecia. Era o que dizia o oude Bisschop, e Stefan mimetizava. Se Machiel fora vitimado de um jeito tão covarde, talvez ele pudesse ser o próximo, exagerava. O oude Bisschop repetia e repetia, não era a falta de riqueza que causava o fundamentalismo, mas a falta de inteligência, a Holanda era o país que mais oferecia direitos e bem-estar aos imigrantes, sobretudo marroquinos islâmicos que, como agradecimento por se beneficiarem de leis iluministas, se achavam livres para dizer que a única lei válida era a do